

Comunicação & Saúde Pública: a AIDS na boca dos jovens

O campo que se construiu a partir da interseção entre Comunicação e Saúde vem crescendo enormemente no Brasil e no exterior: é possível constatar não só o interesse dos pesquisadores em explorar esse novo campo (analisando inúmeras questões cruciais para a sociedade contemporânea, seja a partir do ângulo da comunicação seja a partir da saúde) como também que já integra a agenda de boa parte das autoridades de hoje.

A *Revista ECO-PÓS* entrevistou para este número a pesquisadora Inesita Soares de Araújo que, com Janine Miranda Cardoso, coordenaram um importante projeto de Comunicação & Saúde intitulado “A Aids na boca dos jovens – o que se diz, como se diz, o que se cala”, realizado entre 2002 e 2003, junto a jovens dos bairros de Curicica e Lins de Vasconcelos, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Este projeto foi promovido pelo Departamento de Comunicação e Saúde da FIOCRUZ/RJ (Fundação Oswaldo Cruz), teve como instituições parceiras a Secretaria Municipal de Saúde e a Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ e contou com o apoio do Ministério da Saúde e da UNESCO.

Neste depoimento, Inesita S. de Araújo, que é autora do livro *A reconversão do olhar: prática discursiva e produção de sentido na intervenção social* (Ed. Unisinos), relata os resultados que foram alcançados pelo projeto em questão e analisa o crescimento do campo Comunicação & Saúde, especialmente no Brasil.

Micael Herschmann

Micael Herschmann: Primeiramente, gostaria que você comentasse a trajetória do projeto “A AIDS na boca dos jovens”.

Inesita Araújo: “A AIDS na boca dos jovens: o que se diz, como se diz, o que se cala” é o título que atribuímos ao relatório de uma pesquisa,

na sua versão simplificada, dirigido aos jovens participantes, suas famílias e os agentes comunitários de saúde. A pesquisa foi chamada de “Promoção da saúde e prevenção do HIV/AIDS no Município do Rio de Janeiro: uma metodologia de avaliação para políticas públicas e estratégias de comunicação” e foi realizada entre 2002 e 2003. No Departamento de Comunicação e Saúde do CICT/FIOCRUZ, procuramos desenvolver metodologias de planejamento e avaliação que dêem conta dos objetos que o campo da Comunicação e Saúde nos apresenta: entre outros, os processos de construção de sentidos que atravessam as práticas sociais e que estão presentes de forma determinante nas estratégias de promoção da saúde e nas de prevenção epidemiológica. A “pesquisaid”, como a chamamos carinhosamente, se inscreve aí, nessa preocupação. De um modo geral, o pensamento comunicacional ainda dominante na saúde coletiva, fortemente moldado pela visão desenvolvimentista, propicia métodos de avaliação que se limitam a verificar o quanto as pessoas compreenderam ou se recordam sobre determinado assunto veiculado por meios de comunicação. São métodos que reduzem a complexidade dos fenômenos e as possibilidades de conhecimento. Faz parte desse enfoque acreditar que há uma relação causal entre uma “boa comunicação” e a “mudança de comportamento”. Daí decorre, também, o alto investimento em campanhas educativas, cuja principal estratégia é o uso dos meios coletivos de comunicação. Em contrapartida, acreditamos que o modo como as pessoas e os grupos sociais articulam as mensagens recebidas com seu acervo de conhecimentos, informações e opiniões são determinantes de suas estratégias de enfrentamento dos problemas de saúde que as afetam. Por outro lado, tínhamos como desafio o contexto particular da prevenção da AIDS. Já há o reconhecimento, por parte de diversos setores, de que é bastante considerável o conhecimento da população em relação às medidas preventivas, mas que isto não garante o uso do preservativo (que é, ainda, o modo de prevenção mais recomendado). E a epidemia, tem estabilizado seu crescimento de um modo geral, tem se caracterizado como preocupante em segmentos específicos, entre eles os jovens. Foram estas circunstâncias, aliadas, que nos levaram a realizar a pesquisa. Participaram adolescentes e jovens de dois bairros do Rio de Janeiro, Lins de Vasconcelos e Curicica.

MH: Em linhas gerais, qual o método empregado na pesquisa?

IA: Na verdade, a pesquisa caracterizou-se como de experimentação de um método de avaliação da comunicação. Articulamos

dois métodos, já aprovados em outros contextos, que nos permitiriam uma escuta efetiva e ampliada do que os jovens teriam a nos dizer. Uma metodologia de avaliação em processos de intervenção social que fosse capaz de, ao mesmo tempo: 1) avaliar os modos pelos quais a população atribui sentidos, faz circular e converte em prática as informações e orientações recebidas das organizações públicas e privadas e; 2) estimular e apoiar a população a produzir suas próprias estratégias de proteção frente à epidemia de AIDS. Adaptamos, então, a proposta de mobilização social de Bernardo Toro, pesquisador colombiano e a articulamos à Análise de Discursos Sociais desenvolvida pelo NUPEC-ECO/UFRJ. Pelo primeiro, os jovens eram instados a produzir suas próprias estratégias, cuja viabilização era possibilitada pelas instituições participantes. Pelo segundo, analisávamos o que era dito por eles. O método trabalhou sempre com a idéia de heterogeneidade e foi bem interessante confirmar isto: a categoria homogeneizante “jovens” (ou “adolescentes”) não resiste quando confrontada com a diversidade dos grupos sociais, mesmo os que convivem e compartilham a mesma realidade socioeconômica, geográfica e etária.

MH: Que instituições participaram desta investigação?

IA: A pesquisa foi realizada e coordenada pela Fundação Oswaldo Cruz, através do Departamento de Comunicação e Saúde (DCS) do Centro de Informação Científica e Tecnológica (CICT). Tivemos como parceiros a Secretaria Municipal de Saúde e a Escola de Comunicação da UFRJ, esta através do seu Núcleo de Pesquisa em Estratégias de Comunicação – NUPEC, especialmente o prof. Milton José Pinto e a Prof^a. Ana Paula Goulart Ribeiro, que fizeram a análise dos discursos que emergiram das estratégias. O apoio financeiro veio do Ministério da Saúde – PN-DST/AIDS, em parceria com a UNESCO. A coordenação geral da Pesquisa foi de Janine Miranda Cardoso, do DCS/CICT/FIOCRUZ e tivemos ainda a participação efetiva da pesquisadora Kátia Lerner, doutora em Antropologia, que, aliás, fez seu mestrado em comunicação na ECO/UFRJ.

MH: Qual é a relevância social deste tipo de iniciativa junto aos jovens?

IA: Talvez a relevância possa ser medida, de forma mais imediata, pelo modo como jovens participantes encaminharam suas vidas após o projeto

e pela mudança que foi provocada nos serviços participantes, quanto ao modo de relacionamento com os jovens. Os depoimentos e os fatos atestam largamente isto. Numa perspectiva mais alongada, acreditamos que esse conhecimento possa se somar a outros tantos e provocar mudanças mais efetivas, em algum momento, nas políticas públicas de saúde voltadas aos jovens.

MH: Como os fatores comunicacionais foram articulados neste projeto? Eles foram integrados ao processo? Nas ações realizadas junto aos adolescentes foram empregadas estratégias mediáticas para amplificação dos resultados?

IA: O projeto trata basicamente de circulação e apropriação das políticas públicas, trata da produção dos sentidos da saúde. Sendo assim, está inscrito no âmbito da comunicação, tal como a concebemos. Também procura reforçar a perspectiva de uma comunicação que opere no sentido de mais equanimidade social, uma vez que busca favorecer que sejam ampliadas e ouvidas as vozes que tradicionalmente estão abafadas ou silenciadas pelas vozes mais altissonantes – a das instituições e a da mídia. Enfim, se pudéssemos resumir “fatores comunicacionais” em uma única palavra, usaríamos “interlocação”. Foi este nosso projeto. Quanto à divulgação dos resultados, foi/está sendo feita de forma dirigida. Temos um relatório técnico e o “relatório popular”, que foi distribuído nas comunidades participantes e tem circulado amplamente em vários estados e instituições que trabalham com os jovens. Fizemos também seminários e rodas de conversa com os jovens e diversos segmentos interessados. Alguns órgãos de imprensa dirigida veicularam notícias e pequenos resumos. Temos também apresentado os resultados à comunidade acadêmica, por meio de congressos e publicações.

MH: Como o projeto se insere na interseção entre o campo da Comunicação e da Saúde?

IA: Para nós, Comunicação & Saúde já é um campo constituído, que propicia projetos como este. Possui um acervo considerável de literatura especializada, pesquisas, métodos, uma produção teórica, enfim. É um campo que articula elementos da saúde coletiva e da comunicação, mas um campo com características próprias. Um exemplo que pode aclarar melhor este ponto: o projeto incluiu como objetivo relevante a possibilidade de sua apropriação

pelos serviços de saúde. Ou seja, poderia ser apenas um projeto de comunicação, cujos resultados pudessem ser ofertados ao campo da saúde, já que o conteúdo era próprio da saúde, mas as preocupações típicas da comunicação. No entanto, as questões caras ao campo da saúde são estruturantes dos projetos de comunicação. Esta talvez seja a diferença mais marcante entre pensar a Comunicação & Saúde *a partir da Comunicação* ou *a partir da Saúde*. Creio que temos essas duas possibilidades e mesmo essas duas vertentes no cenário nacional. Pensar a partir da saúde, que é o caso da FIOCRUZ, por exemplo, significa priorizar as políticas, processos e práticas produzidas no marco do Sistema Único de Saúde, que para nós representa mais que um sistema de atendimento às necessidades da população, é um modelo e uma proposta política de relação entre sociedade e Estado. Já os objetos que emanam do campo da comunicação tendem a refletir as preocupações dos pesquisadores desse campo, e costumam privilegiar as relações da mídia com a saúde, buscando compreender, primeiramente, o fenômeno midiático.

MH: Você poderia fazer mais alguns comentários sobre essa literatura especializada?

IA: Estamos desenvolvendo um projeto de mapeamento dessa literatura, com a finalidade de disponibilizá-la para ensino e pesquisa. Sabíamos da existência de uma produção considerável, mas estamos surpresas de ver o quanto o campo já produziu. Algumas teses de doutorado, muitas já de mestrado, inúmeras monografias de especialização, incontáveis *papers* de congresso, artigos e livros, relatórios de pesquisas e uma literatura que passa despercebida à maioria, mas que conceitualmente tem uma grande relevância para nós, que são os documentos de referência preparatórios e os que resultam dos eventos que reúnem os pesquisadores e técnicos da área.

MH: Como você avalia a inserção da Saúde no campo da Comunicação no Brasil (e no exterior)? A sensação é a de que há uma demanda crescente dos profissionais da saúde por este tipo de articulação, não?

IA: É verdade... Historicamente, Comunicação e Saúde Coletiva sempre andaram juntas, desde os anos 20, com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública, que teve a propaganda como um de seus pilares

para o enfrentamento das então chamadas “doenças de massa”. Podemos dizer, aliás, que nenhuma política pública prescinde da comunicação para circular e se tornar realidade. No entanto, observa-se hoje uma preocupação cada vez maior e mais intensa de diversos setores com a dimensão comunicativa das práticas de saúde. As Conferências Nacionais de Saúde, que são o grande espaço deliberativo do campo, progressivamente vêm incorporando o tema, até chegarmos à XII, realizada no ano passado, em que Comunicação, Informação e Educação, articuladas, foram um dos eixos organizadores do evento. Também seria bom lembrar que cada vez mais cursos de Pós-Graduação *lato e stricto sensu* da saúde incluem, nas suas grades, disciplinas ou mesmo módulos inteiros de comunicação. Mas o inverso também se verifica: há uma quantidade crescente de pesquisadores da comunicação interessados nos temas da saúde e a Pós-Graduação da ECO, no Rio de Janeiro, é até um bom exemplo nesse sentido. Atualmente, já podemos mapear muitas teses e dissertações que correlacionam os dois campos, que emanam tanto dos cursos de comunicação como dos da saúde. Os resultados são bem próximos, mas os temas, objetos e enfoques, são necessariamente afetados pelo *locus* de produção acadêmica.

MH: Quais são as perspectivas futuras para a articulação entre o campo da Saúde e da Comunicação? Como a FIOCRUZ tem encarado essa possibilidade de uma integração mais densa entre esses campos?

IA: Há em curso alguns processos de cooperação entre pesquisadores que devem, a médio prazo, fortalecer essa articulação e modelar de forma mais efetiva o campo da Comunicação e Saúde. O desenvolvimento metodológico nos parece propício a tal processo e a partir mesmo da FIOCRUZ estamos procurando impulsionar uma efetiva cooperação entre pesquisadores. A articulação com outros países da América Latina nos parece frutífera e mesmo necessária, uma vez que as práticas se mostram extraordinariamente semelhantes, os modelos que desenvolvemos historicamente estiveram e estão presentes em outros países do continente. Estamos também iniciando um observatório de mídia, focado no tema da saúde e com a perspectiva da equanimidade social, que deve integrar um coletivo de cinco países com metodologias próximas. A melhor distribuição do poder de falar e ser ouvido e a idéia do quinto poder, que na saúde encontra guarida no conceito de “controle social”, princípio estruturante do SUS,

estão na base dessa iniciativa. Enfim, acreditamos que nos próximos anos Comunicação & Saúde será um espaço importante de produção científica, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico.

INESITA SOARES DE ARAÚJO é pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, Centro de Informação Científica e Tecnológica, Departamento de Comunicação e Saúde, onde coordena o Núcleo de Ensino e Pesquisa em Comunicação e Saúde. Ela é também coordenadora do Curso de Especialização em Comunicação e Saúde do DCS/CICT/Fiocruz e membro do GT de Comunicação e Saúde da ABRASCO (Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva).

MICAEL HERSCHMANN é pesquisador do CNPq e Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação da UFRJ. É professor da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ, onde também coordena o Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação e edita a *Revista ECO-PÓS*.